

Augusto Cruz



Senhor Augusto Cruz trabalhou na Escola Caetano de Campos entre 1964 a 1977, no prédio da Praça da República. De 1978 até 2010 trabalhou na Escola Caetano de Campos no prédio da Praça Roosevelt. A equipe do NUMAH realizou a entrevista, para o programa Memória Oral, com o Senhor Augusto Cruz em 07/12/2010. Três clipes da entrevista estão em <http://www.escoladeformacao.sp.gov.br/portais/Default.aspx?tabid=9015>.

Meu nome é Augusto Cruz, eu comecei em 1964 na Escola Caetano de Campos na Praça da República. Não fui concursado porque na época a gente entrava... Époça do Dr. Ademar de Barros. Faz tanto tempo, vixe! Então ele me colocou lá. Entrei como servente de escola.

A minha rotina era fazer limpeza, a gente fazia limpeza e eu gostava tanto, a gente gostava, era um ambiente tão gostoso que a gente mesmo sendo da classe pequena, a gente era considerado.

Vou falar uma coisa que é meio chato, para gente que é faxineiro. O pessoal não dava muita atenção. A gente não tinha muita liberdade de conversar com os alunos, uma coisa que eu falei, que eu fiquei meio chateado. Me emociono ao lembrar. Tinha um alunozinho pequenininho, era francês! E tinha um irmãozinho maior, os dois franceses. Então, eu estava ali tomando conta deles, sempre tinha alguém da gente olhando ali. Aí o pequenininho

estava chorando, aí eu perguntei pra ele o "que que é?" . Falou com sotaque "querro procurar meu irmão", não sei o quê, não sei o quê. Aí eu peguei na mãozinha do menino e fui procurar o irmão dele. O irmão dele era maior. Aí "meu irmão não sei o quê?". Aí o menino grande falou assim "o senhor não podia pegar na mão do meu irmão". Falei "por quê?". "O senhor é negro não pode pegar na mão dele". Falei "ó meu filho, não tem nada não, daqui a pouco vou lá na pia e lavo a mão". Falei para ele "eu peguei na mão do seu irmão...não tem importância não, que eu peguei na mão do seu irmão, vou lá na pia e lavo a mão". Não falei para ofender ninguém, falei para me defender, falei isso para o menino, mas fiquei chateado né. Peguei o menino e levei para ele né. O menino estava chorando. O irmão achou ruim porque eu peguei na mão do menino, porque eu era negro.

Olha, eu vou falar uma coisa: seja negro só um dia! Se pinta de negro um dia só, para ver. O pessoal fala que não tem racismo em São Paulo, no Brasil. Seja negro um dia, entra numa loja! Semana passada quase fui expulso de um restaurante italiano aqui na Praça da República, quase fui expulso de lá! O homem veio com cardápio na porta: "aqui é um restaurante italiano, o senhor não gosta de comida italiana né? Capuccini, capeletti, cappellini" sei lá! Ini, ini. Peguei e falei "tá bom" e fui me embora. Quer dizer, existe esse negócio aí.

Ah! Tinha uns alunos negros lá que eram bem tratados, era bem legal. O nome dele eu não lembro, mas tinha um rapaz lá. Eu não digo que todos os negros são maltratados em todos os lugares, tem exceções né. Mas aquele cara, aquele rapaz era bem tratado lá. Eu não me lembro. Faz vinte e tanto anos que eu não lembro muito direito. Não, não lembro.

Professor negro? Não, não lembro de nenhum, nenhum! Ah! Tinha um, ele era um mulato. Ele era até bem meio exótico, meio esquisito. Ele ia sempre com um guarda-chuva no braço podia estar o tempo que for. Punha o guarda-chuva. O guarda-chuva dele já não era mais preto, era cinza. Todo dia aquele professor com aquele guarda-chuva, todos os dias, todos os dias.

Eu me esqueci o nome dele. Como eu disse, a gente não tinha muito contato, não se encontrava muito não. Ele usava óculos. Um mulato, o guarda-chuva, o terno dele todo desbotado nos ombros. Um cara meio esquisito sabe. Ele chegava assim, ele olhava para gente assim... passava e não tinha muito contato não.